

DOSTOIÉVSKI E GRACILIANO RAMOS: A SALVAÇÃO POSSÍVEL

Paulo Roberto Mendonça Lucas
Mestrado/UFF
Orientador: André Dias

*“Quem quiser que fale mal da literatura. Quanto a mim, digo que devo a ela a minha salvação.
Venho da rua oprimido, escrevo dez linhas, torno-me olímpico”.*
(ANJOS, 2006: 197)

A aproximação entre as literaturas de Fiódor Dostoiévski (1821-1881) e Graciliano Ramos (1892 – 1953) já foi notada por alguns importantes críticos literários, como Antônio Cândido (2012) e Carlos Nelson Coutinho (1978). No entanto, o próprio Graciliano, em famosa carta ao primeiro crítico citado, declarava absurda a influência que lhe atribuíam: “...nunca tive semelhança com Dostoiévski nem com outros gigantes. O que sou é uma espécie de Fabiano, e seria Fabiano completo se a seca houvesse destruído a minha gente, como V. muito bem reconhece” (RAMOS *apud* CÂNDIDO, 2012: 10). Àqueles que conhecem minimamente o que Graciliano dizia a respeito de suas obras não parecerá estranho esse “menosprezo” que notamos em sua fala.

Convém lembrar que a literatura russa chega ao Brasil, de maneira significativa, nos primeiros decênios do século passado. Lidos por diversos escritores brasileiros, geralmente em traduções francesas, os romancistas russos cedo ganharam espaço no cenário intelectual da época. Exemplo conhecido deste fascínio que os russos provocaram por nossas terras são as palavras de Lima Barreto dirigidas a um jovem escritor: “Leia sempre os russos: Dostoiévski, Tolstoi, Turguêneff, um pouco de Gorki; mas, sobretudo, o Dostoiévski da *Casa dos Mortos* e *Crime e Castigo*” (BARRETO, 1956: 171). Pertencente a uma geração anterior a de Graciliano Ramos, Lima Barreto já enxergava nos autores russos, especialmente em Dostoiévski, qualidades de alta literatura, o que para nós, hoje, é algo quase incontestável. Graciliano parece compartilhar da mesma paixão que Lima Barreto nutria por Dostoiévski, o que pode ser

observado nesta carta do escritor à sua esposa Heloísa, em que ele não consegue disfarçar certo regozijo em ter sido comparado ao romancista russo por um crítico literário: “O paraense ataca a minha linguagem, que acha obscena, mas diz que eu serei o Dostoiévski dos Trópicos. Uma espécie de Dostoiévski cambembe, está ouvindo?” (RAMOS *apud* MORAES, 2012: 98). Também é digna de nota a solicitação de uma lista com os dez maiores romances do mundo feita pela *Revista Acadêmica* a Graciliano Ramos, que não deixou de contemplar Dostoiévski, citando *Crime e Castigo* (MORAES, 2012). Por fim, ainda é curioso observar o que Graciliano escreve, em tom algo irônico, em outra carta à esposa Heloísa, quando se encontrava na prisão: “Se tiver sorte de me demorar aqui uns dois ou três meses, creio que aprenderei um pouco de russo para ler os romances de Dostoiévski” (*Ibidem*: 129). Mal sabia Graciliano que sua estadia na prisão duraria muito mais que dois ou três meses...

Inicialmente, importa-me aqui atentar para o fato de que Graciliano Ramos era, sem dúvida alguma, um declarado leitor de Dostoiévski: “A despeito da influência de Eça de Queirós em seus primeiros escritos, Graciliano cultivava os clássicos russos – Dostoiévski, Tolstói, Górkí e Gógol.” (*Ibidem*: 106). Dessa forma, não parecerá despropositado encontrar em seus romances influência significativa do autor de *Crime e castigo*, apesar de o próprio Graciliano “recusar” essa ideia, como já destacado acima. Para começarmos a nos aprofundar no cerne da análise que proponho neste texto, considero importante situar as duas obras através das quais estabelecerei o diálogo entre os escritores: *Memórias do subsolo* (1864) e *Angústia* (1936).

A novela de Dostoiévski merece destaque dentro de sua carreira literária, isso porque podemos considerá-la como uma obra que, nas palavras de Boris Schnaiderman, “...constituiu passo decisivo na orientação de Dostoiévski para o grande romance filosófico, e um passo dado em nível de elaboração superior aos anteriores” (SCHNAIDERMAN, 1992: 31). Com efeito, *Memórias do subsolo* é o primeiro escrito de Dostoiévski em que observamos, de maneira enfática, o discurso filosófico que o acompanharia nos seus grandes romances posteriores, notadamente em *Crime e castigo* (1866), *O idiota* (1868), *Os demônios* (1871) e *Os irmãos Karamázov* (1880). Ademais, *Memórias do subsolo* é obra que parece liberta do tradicional discurso realista europeu da época. Refiro-me especialmente aos realistas franceses, como Sthendal, Flaubert e Balzac. Mas não é somente desse realismo clássico que as obras de Dostoiévski se diferem, senão também do realismo panfletário russo, cujo representante maior foi

Nicolai Tchernichévski (1828 – 1889), autor do romance *Que fazer?* (1863), publicado um ano antes de *Memórias do subsolo* e que obteve relevante destaque nos ciclos literários da época. Para Joseph Frank, autor de uma gigantesca e ambiciosa biografia de Dostoiévski, este “...percebeu a importância de *O Que Fazer?* Assim que foi publicado e tentou combater seus efeitos em *Memórias do Subsolo*” (FRANK, 1992: 204). As palavras de Frank só podem ser entendidas à luz de uma breve explicação sobre a citada obra de Tchernichévski. Romance de caráter panfletário, *Que fazer?* logrou causar enorme impacto na sociedade russa da época e, embora apresente um caráter demasiado cômico devido a maneira artificial como são apresentadas as virtudes do revolucionário disciplinado, ainda segundo Frank, posteriormente viria a influenciar a Revolução Russa muito mais que *O capital* de Marx (FRANK, 1992) – basta lembrar que o escrito político mais conhecido de Lênin tem exatamente o mesmo título do romance de Tchernichévski.

Memórias do subsolo é mesmo uma resposta de Dostoiévski à utopia esquerdista dominante em certos grupos intelectuais da sociedade russa de meados do século XIX. Lembremos que o próprio escritor chegou a flertar com os ideais socialistas durante o período em que frequentou o círculo de Petrachévski, pelo que foi preso e condenado à morte. Nas reuniões desse círculo, que era apenas mais um entre tantos existentes na Rússia àquele época, debatiam-se as ideias socialistas então em voga na Europa e os caminhos que a esquerda russa deveria seguir. Contudo, “...Dostoiévski não era um ser político como Petrachévski e Spechniev; tanto assim que, posteriormente, preferiu entender seu comprometimento com a atividade revolucionária como um acidente biográfico” (FRANK, 2008: 157). Como observa Frank, Dostoiévski não estava em pé de igualdade com alguns de seus companheiros no que diz respeito ao comprometimento revolucionário. Assim, sua participação no referido círculo era bastante limitada e coadjuvante. Naturalmente, o czarismo não foi sensível a um detalhe como esse e Dostoiévski, assim como tantos outros, deveria pagar por sua afronta ao Império com a própria vida. A sentença de morte não foi cumprida, já que o Czar Nicolau I a tinha comutado em trabalhos forçados na Sibéria, porém a encenação do ato foi teatralmente executada pelos carrascos. Aqueles que Dostoiévski pensava serem os últimos instantes de sua vida o marcariam para sempre e apareceriam, anos mais tarde, em forma de literatura, nos relatos do príncipe Míchkin de *O idiota*.

O romance de Tchernichévski a partir do qual surgem as memórias do subsolo, como resposta imediata, parece ter ficado datado e pouco é lido e conhecido senão por aqueles que estudam especificamente a história da cultura e literatura russas. Não há que fazer grandes esforços para compreender tal acontecimento. Se observarmos com atenção alguns dos melhores romances da história da literatura, constatamos que, embora produzindo um discurso sobre o seu tempo, tais obras foram capazes de tratar de assuntos que são caros aos homens de qualquer época e lugar. *Que fazer?*, de Tchernichévski, tinha objetivos muito distintos. Não ambicionava ser grande literatura, mas cumprir um dever social, isto é, orientar a *intelligentsia* russa daquele momento histórico específico a promover a revolução socialista. *Memórias do subsolo*, ao contrário de *Que fazer?*, foi mal compreendida e mal lida à época de sua publicação, mas logrou chegar viva aos dias de hoje. Diferentemente da obra de Tchernichévski, que propunha uma receita fácil a seguir, *Memórias do subsolo* apresentava aos leitores, ávidos por um caminho mais curto em direção ao paraíso na terra, uma voz dissonante, que contestava o racionalismo do homem diante de um mundo absurdamente complexo e contraditório. Exatamente por trazer à luz um discurso “desajustado” a novela não foi capaz de provocar positivamente os leitores russos de então, mas me parece que é exatamente por esse mesmo motivo, por esse desajuste dissonante, que a obra de Dostoiévski permanece atual aos leitores de hoje.

Dividida em dois capítulos, “O subsolo” e “A propósito da neve molhada”, as memórias do subsolo são narradas em primeira pessoa por um personagem cujo nome desconhecemos e que, doravante, poderemos simplesmente chamar de “homem do subsolo”. Na primeira parte da narrativa, o que André Dias (2012) chama de “memórias das teses”, a presença do caráter filosófico que envolve a obra se evidencia de maneira marcante. Ainda não há memórias propriamente ditas, mas apenas um peculiar narrador que resolve expor suas ideias (teses) de maneira aparentemente aleatória e dissociada de qualquer tipo de moralismo discursivo: “...o homem, seja ele quem for, sempre e em toda parte gostou de agir a seu bel-prazer e nunca segundo lhe ordenam a razão e o interesse; pode-se desejar ir contra a própria vantagem e, às vezes, *decididamente se deve* (isto já é uma ideia minha)” (DOSTOIÉVSKI, 2009: 39 - grifos do autor). Neste trecho que cito como exemplo, vê-se um dos grandes temas que Dostoiévski desenvolveria em suas obras posteriores: a questão do livre-arbítrio do homem sobre a terra.

Na segunda parte da novela, memórias das práticas (DIAS, 2012), o “homem do subsolo” expõe suas memórias propriamente ditas e, a partir de então, temos uma história menos desconexa (isto apenas relativamente à primeira parte da obra). Aqui, vale destacar que o narrador em momento algum abandona o tom filosófico no texto, que, em uma passagem marcante, nos apresenta “o homem do subsolo” sendo retirado de um bar por um oficial sem que este o notasse: “Uma vez, de manhã, embora até então nunca fosse dado às literaturas, veio-me de repente a ideia de descrever aquele oficial numa transposição acusatória, caricatural, em forma de novela. Foi com prazer que a escrevi” (DOSTOIÉVSKI, 2009: 65). Embora não possamos considerar este acontecimento como o único desencadeador da narrativa, certamente ele pode ser enxergado como um símbolo do que mais atormenta o narrador; é o próprio quem nos diz que ter sido tratado com total indiferença pelo oficial era-lhe demasiado penoso e insuportável: “Até pancadas eu teria perdoado, mas de modo nenhum poderia perdoar que ele me mudasse de lugar e, positivamente, não me notasse (*Ibidem*: 63). Mais adiante, a indiferença com que é tratada por seus “amigos” de escola traz novamente para o centro da narrativa o sentimento de deslocamento da personagem em relação ao meio no qual tenta a todo custo se inserir: “Nenhum deles notou minha presença, o que era estranho até, pois fazia anos que não nos víamos. Provavelmente, consideravam-me algo semelhante à mais ordinária das moscas” (*Ibidem*: 75). Outra vez é a necessidade de existir o que provoca no “homem do subsolo” o sentimento de repulsa em relação ao outro.

Quanto à *Angústia*, de Graciliano Ramos, é necessário anotar que, a exemplo de *Memórias do subsolo*, também se trata de um romance bastante particular dentro da carreira literária de seu autor. A começar pelo fato de que talvez este seja o único dos quatro romances de Graciliano em que o ambiente não participa ativamente da história, diferindo-se, pois, de *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934) e *Vida secas* (1938) – principalmente deste último. Aliás, mesmo quando se focaliza o *locus* narrativo nesses três romances, o que significa destacar o Nordeste brasileiro, é forçoso lembrar que ao regionalismo de Graciliano “...interessa apenas o que é comum a toda a sociedade brasileira, o que é ‘universal’” (COUTINHO, 1978: 73). A observação geral dos romances de Graciliano feita por Carlos Nelson Coutinho vem bem a propósito aqui. De todas as obras do escritor, *Angústia* é a que melhor representa este caráter “universalista” de que nos fala o crítico. Narrativa de notável trato existencialista, em

Angústia a pobreza da capital alagoana das primeiras décadas do século XX dá lugar à miséria intelectual da medíocre vida de um burocrata: “Se pudesse, abandonaria tudo e recomeçaria as minhas viagens. Esta vida monótona, agarrada à banca das nove horas ao meio-dia e das duas às cinco, é estúpida” (RAMOS, 2011: 23). Nesse sentido, não seria absurdo imaginar que as angústias de Luís da Silva poderiam ser narradas dentro de outros cenários sem que houvesse perda significativa para a história. Nesse romance, importam muito mais as reflexões sobre a existência feitas pelo narrador, fato que secundariza o próprio enredo da obra - basicamente um homem que tem a noiva “roubada” por um sujeito com maior poder aquisitivo e decide matá-lo para se vingar: “O tema central do romance não é o crime e sim o drama interior que vive o personagem Luís da Silva...” (LEITE, 2011: 264).

É necessário observar com atenção a questão econômica que aqui se apresenta. Mais importante que o fato de Marina trocar Luís da Silva por Julião Tavares é o fato de que, nesta troca, podemos enxergar um dos princípios basilares do capitalismo (sempre discutido por Graciliano em seus escritos): a busca irrefreável pelo que é mais rentável e vantajoso economicamente. Marina não apenas troca um homem pelo outro, mas troca um homem *pobre* por outro *rico*. Enquanto havia apenas seu vizinho, Luís da Silva, a moça cedia às suas investidas e dava início aos preparativos para o modesto casamento. Quando surge a figura de Julião Tavares em sua vida, Marina já não vê motivos para se casar com o antigo pretendente. Para ela, a questão é tão simples quanto complexa é para Luís da Silva, a quem poderíamos auxiliar o entendimento da questão apresentando esta elucidativa metáfora de Marx:

Uma casa pode ser grande ou pequena; enquanto as casas que a rodeiam são igualmente pequenas, ela satisfaz todas as exigências sociais de uma habitação. Erga-se, porém, um palácio ao lado de uma casa pequena, e eis que a casa pequena será reduzida a uma choupana (MARX, 2011: 51).

A despeito do encantamento que os bens de consumo provocam em Marina, uma inocente moça do Nordeste brasileiro, é justo afirmar que ela reduz a questão do casamento a uma fria análise de interesses materiais (mesmo que não se dê conta disso e acredite, de fato, que faz uma opção sincera, o que podemos apenas supor, já que não temos acesso ao seu pensamento devido à natureza parcial da narrativa em primeira pessoa). Julião Tavares pode oferecer à Marina, materialmente, muito mais que Luís da

Silva, e sem fazer o esforço deste. Quer me parecer, portanto, que não há na escolha da jovem uma opção sentimental, mas apenas a fria lógica do interesse pequeno-burguês facilmente corruptível quando se depara com um palácio à frente da choupana em que habita.

Como ficamos sabendo pelo próprio Graciliano, o escritor entregou os manuscritos de *Angústia* no mesmo dia em que foi preso, a 3 de março de 1936, fato que não permitiu a revisão dos originais, o que ele julgava absolutamente necessário. Na já citada carta que enviou a Antônio Cândido, Graciliano afirma: “*Angústia* é um livro mal escrito. Foi isto que o desgraçou. Ao reeditá-lo, fiz uma leitura atenta e percebi os defeitos horríveis: muita repetição desnecessária, um divagar maluco...” (GRACILIANO *apud* CÂNDIDO, 2012: 10-11). A observação, compartilhada por Cândido, que o escritor faz a respeito de seu romance aponta para o que seria o maior defeito da obra em questão: uma abundância discursiva, uma prolixidade excessiva por parte de Luís da Silva que tornam o texto confuso e, por vezes, pouco inteligível. Não me é possível concordar com essa leitura.

Há em *Angústia* momentos como os acima referidos, isto é, em que o narrador torna o texto “confuso” a seu leitor, repete ideias excessivamente? Sem dúvida. No entanto, isso não desabona a obra, trata-se antes de uma característica da enunciação de Luís da Silva que ainda mais corrobora a sua perturbação interior. Quero dizer: as repetições e a abundância fazem parte do núcleo discursivo desse narrador. Sem essas características, menos verossímil nos pareceria a narrativa. O que Graciliano enxerga como demérito é, em verdade, uma das qualidades do romance! Tal confusão que podemos notar em alguns trechos, sobretudo no monólogo final, tem direta relação com o fato de Luís da Silva trabalhar com um tríplice tempo em sua escrita: “...o da narração do presente, o da recordação da infância e do passado e o dos devaneios subjetivos, o tempo subjetivo interior” (COUTINHO, 1978: 101). Esse tratamento temporal que Luís da Silva dispensa à história que narra torna o texto fragmentado e estilhaçado. Por isso, tendo em vista este trabalho com temporalidades construído por Graciliano Ramos, seria mesmo improvável que o romance não fosse “confuso”. Além disso, levemos em conta o que nos diz a própria personagem: “Há nas minhas recordações estranhos hiatos. Fixaram-se coisas insignificantes. Depois um esquecimento quase completo. As minhas ações surgem baralhadas e esmorecidas, como se fossem de outra pessoa” (RAMOS, 2011: 115). É o próprio Luís da Silva quem nos revela que, no processo de

rememoração, os episódios lhe vêm confusos à mente. Dessa forma, desconsideremos nesta leitura a suposta confusão narrativa em *Angústia* e passemos a enxergá-la como um recurso narrativo constitutivo do próprio romance.

Feitas as devidas apresentações das obras, é necessário agora estabelecer uma relação comparativa entre ambas. Vejamos: tanto *Memórias do subsolo* quanto *Angústia* são narradas em primeira pessoa por narradores-personagens misantropos que exteriorizam, através de suas reflexões, uma filosofia que põe em xeque o “estar no mundo” do homem e a sociedade hipócrita em que este é obrigado a (sobre)viver; ambas apresentam, enfim, sujeitos nos quais enxergamos a contradição como uma das características mais marcantes do ser humano. Não obstante critiquem de maneira ácida e sem meias palavras o cinismo do meio em que estão inseridos, “o homem do subsolo” e Luís da Silva fazem parte do “jogo social” e necessitam de algo que lhes possa afirmar dentro deste, isto é, a aceitação do outro. Entretanto, ser aceito não é algo simples para as duas personagens, já que ambas não sofrem somente com a pobreza intelectual daqueles que as cercam, mas também com a pobreza material que as impede de ascender socialmente.

O “homem do subsolo” sequer tem dinheiro para ir ao jantar com os “amigos”, o que ficamos sabendo na segunda metade da novela: “havia até um pretexto ponderável para não ir: estava sem dinheiro. Ao todo, tinha nove rublos guardados. Mas, destes, era preciso dar sete no dia seguinte, como ordenado mensal, a meu criado Apolón, a quem eu pagava sete rublos sem comida” (DOSTOIÉVSKI, 2009: 80); já Luís da Silva perde Marina para Julião Tavares também por questões financeiras, como já observamos anteriormente: “Havia de brigar com ela, dizer-lhe que tivesse juízo, explicar que sou pobre, não posso comprar camisas de seda, pó de-arroz caro, seis pares de meias de uma vez?” (RAMOS, 2011: 84). O jantar com os amigos e o casamento com Marina são figuras metafóricas que representam a possibilidade factível que as personagens enxergam de poderem autoafirmar-se dentro da sociedade que tanto menosprezam. Observamos, então, que a condição social dos sujeitos, seja em Dostoiévski ou em Graciliano, interfere *diretamente* nas vidas das personagens e se apresenta como tema de destaque nas obras.

Como partícipes das histórias que narram, o “homem do subsolo” e Luís da Silva são os heróis romanescos em questão. Todavia, o primeiro nos adverte: “um romance precisa de herói e, no caso, foram acumulados *intencionalmente* todos os

traços de um anti-herói...” (DOSTOIÉVSKI, 2009: 146 – grifo do autor). A metalinguagem presente ao longo de toda a novela de Dostoiévski chega a seu ápice nestes trechos finais da novela. Aqui, a personagem lança um olhar analítico para si mesma e afirma que, pela construção intencional de suas notas, não pode ser considerada um herói, senão o seu extremo oposto. Segundo suas palavras, poderíamos inclusive contestar o próprio gênero da obra, já que, não havendo herói, não haveria romance. De fato, o “homem do subsolo” não acredita ter escrito um romance sobre sua vida; para ele, o que lemos são apenas recordações dispersas (lembremos que a palavra *zapíski* (записки), em russo, significa notas, ou seja, a obra tem um caráter essencialmente disperso e é desprovido de harmonia narrativa intencionalmente).

E o que poderíamos dizer de Luís da Silva? Seria ele também o anti-herói de *Angústia*? Provavelmente sim, já que em diversos aspectos ele se assemelha ao narrador de *Memórias do subsolo*. Podemos enxergá-lo também, tomando emprestada a definição lukácsiana utilizada por Carlos Nelson Coutinho (1978), como um “herói problemático”, ou seja, sujeito que representa a busca individual de seus interesses em um mundo onde inexiste a noção de comunidade humana. O homem, nesse sentido, seria um ser alienado pelo próprio sistema do qual não pode se ver livre. Seja qual for a definição atribuída a Luís da Silva, mais importante é notar que “através de técnicas vanguardistas, Graciliano constrói um dos romances mais realistas da literatura brasileira, cuja *estrutura* muito se aproxima das dos romances dostoiévskianos de herói individualista” (COUTINHO, 1978: 103 – grifo do autor); quer dizer, a estrutura “desconexa” da obra de Graciliano contribui sobremaneira para a construção de uma personagem problemática. Assim como ocorre em Dostoiévski, em Graciliano Ramos é através da fissura narrativa no discurso que podemos enxergar a desestabilização psicológica dos sujeitos.

Para além das semelhanças técnica, obras escritas em primeira pessoa, e filosóficas, narradores contraditórios, “heróis problemáticos” que ambicionam e rejeitam o convívio em certa sociedade, finalmente é necessário apontar para o fato de que ambos, o “homem do subsolo” e Luís da Silva, problematizam ativamente o processo da escrita em suas narrativas:

(...) eu escrevo unicamente para mim, e declaro de uma vez por todas que, embora escreva como se me dirigisse a leitores, faço-o apenas por

exibição, pois assim me é mais fácil escrever. Trata-se de forma vazia, e eu nunca hei de ter leitores. (DOSTOIÉVSKI, 2009: 53)

Habituei-me a escrever, como já disse. Nunca estudei, sou um ignorante, e julgo que os meus escritos não prestam. Mas adquiri cedo o vício de ler romances e posso, com facilidade, arranjar um artigo, talvez um conto. (RAMOS, 2011: 56)

Os dois narradores menosprezam o próprio ato de escrever e, assim, valoram-no paradoxal e positivamente, já que este desprezo, fosse ele sincero, não deveria culminar na ação, mas na inércia. Uma das hipóteses que defendo é a de que, para esses ambíguos narradores, a escrita é um ato de resistência que aponta para uma possível salvação existencial (não confundir com a salvação cristã). O trabalho com a escrita, nessas obras, denota a força das personagens, aparentemente tão frágeis e vulneráveis dentro das sociedades em que se encontram. Quando falamos em escrita como resistência, vêm-nos à mente inúmeros autores e romances. Contudo, há que se notar a particularidade deste tema dentro de *Memórias do subsolo* e *Angústia*. O “homem do subsolo” e Luís da Silva não narram somente para resistir, mas *problematizam* essa narração constantemente: o primeiro dizendo que jamais terá leitores; o segundo afirmando que é um ignorante, porém capaz de rabiscar algumas linhas às quais não parece dar muita importância.

Seria impossível não relacionar a resistência dessas personagens aos próprios escritores que as trouxeram às páginas dos romances. Também para Dostoiévski e Graciliano Ramos a escrita, sobretudo a escrita literária, sempre se apresentou como algo sem o que não se podia passar. Lançando um olhar à biografia de ambos, não será difícil descobrir que tiveram a escrita como verdadeira profissão (sobretudo Dostoiévski). Nesse sentido, escreveram porque *precisavam* sobreviver, o que os afasta da figura daquele escritor fora da realidade mundana, refugiado em sua torre de marfim e alheio aos problemas mesquinhos da vida prática. Dostoiévski e Graciliano Ramos, assim como seus prolixos personagens, não podiam suportar a ideia de não poderem escrever. Em carta enviada a seu irmão Mikhail no mesmo dia em que se realizara a já citada encenação de sua execução, Dostoiévski escreve: “Meu Deus! Quantas imagens, sobreviventes, criadas por mim irão morrer, irão apagar-se em minha cabeça ou derramar-se em meu sangue como veneno! É, se não puder escrever eu vou morrer...” (DOSTOIÉVSKI *apud* BEZERRA, 2012: 13). É muito significativa para a leitura que

estamos fazendo aqui a passagem citada, pois nela observamos que, após os “derradeiros momentos” de existência, o romancista russo destaca com acentuada paixão que não escrever, para ele, seria verdadeira e literalmente a sua morte.

Quanto a Graciliano Ramos, é admirável seu esforço em tentar, enquanto preso, registrar no papel as agruras por que passava e as imagens que o impressionavam nas prisões por que passou em Maceió e no Rio de Janeiro. Quando transferido para esta cidade, por questões de segurança o escritor se desfez de muitas anotações, que voltariam às páginas anos depois, em forma de memórias, na grandiosa e póstuma obra *Memórias do cárcere* (1953). Em carta à esposa Heloísa, lemos a explícita devoção à literatura: “Comprando algodão ou vendendo fazenda, construindo o terrapleno da lagoa ou entregando os diplomas às normalistas, hei de fazer romances. Não dou para outra coisa. Ora, aqui há uns dois ou três indivíduos que falam comigo. Aí não há nenhum” (RAMOS *apud* MORAES, 2012: 101). Como podemos notar, também para o romancista brasileiro a escrita, notadamente a literária, era uma imperiosa necessidade, não um mero deleite intelectual. Particularmente em relação a Graciliano, ademais, convém lembrar que em seus três romances narrados em primeira pessoa (*Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*) temos a presença de narradores que ambicionam escrever um livro. Este fato, certamente, não é um simples acaso e merece ser observado com atenção em um estudo específico.

Por fim, é necessário anotar que, enquanto análise de recorte bakhtiniano, a leitura que fiz aqui compreendeu a figura dos narradores, por conseguinte dos autores, como sujeitos históricos, o que significa dizer que “O sujeito que fala no romance é um *homem essencialmente social*, historicamente concreto e definido e seu discurso é uma linguagem social (ainda que em embrião), e não um ‘dialeto individual’” (BAKHTIN, 2010: 135 – grifos do autor). Portanto, considero as vozes narrativas de *Memórias do subsolo* e *Angústia* representativas de tempo e espaço específicos sem os quais não poderiam jamais se materializar. Além disso, a aproximação entre narradores e autores, sobretudo no que concerne ao último tópico temático apresentado nos parágrafos acima (a escrita como espécie de resistência e salvação dos indivíduos), não pretendeu estabelecer uma análise literária tomando por base a biografia dos romancistas, técnica que durante muito tempo foi praticada no âmbito dos estudos literários. Importou-me observar a figura do autor como um sujeito social que está inextricavelmente ligado às suas obras e a seu tempo. Em suma, o momento histórico da enunciação condiciona os

discursos, estes, por extensão, não podem ser entendidos sem que se atente para a *persona* humana que os produziu enquanto literatura.

Espero que ao fim deste breve artigo tenha ficado claro que as literaturas de Dostoiévski e Graciliano Ramos, embora distantes geográfica e temporalmente, podem ser perfeitamente lidas lado a lado, porquanto problematizam questões que não são exclusivas de indivíduos específicos, mas comuns aos homens de todos os tempos e lugares: a angústia diante do querer irrealizável, o desajuste social e a busca por respostas diante do mistério da existência. Ademais, como vimos, as narrativas de *Memórias do subsolo* e *Angústia* também merecem ser observadas enquanto discursos de resistência e salvação para narradores (e escritores!) que acreditavam verdadeiramente no poder libertário da literatura.

Referências

ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. São Paulo: Globo, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução Aurora Bernardini, José Júnior, Augusto Góes, Helena Spryndis, Homero Freitas. 6ª ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2010.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5ª ed. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BARRETO, Lima. *Correspondência Ativa e Passiva*. Vol I e II. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BEZERRA, Paulo. “A vida como *leitmotiv*”. In: DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota*. 3ª ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2012.

CÂNDIDO, Antônio. *Ficção e confissão*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2012.

CAVALIERI, A., GOMIDE, B., VÁSSINA, E., SILVA, N. (orgs). *Dostoiévski – caderno de literatura e cultura russa*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

COUTINHO, Carlos Nelson. Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia. Graciliano Ramos. Coleção Fortuna Crítica 2. (Direção de Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 73-122.

DIAS, André. Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes. Niterói: Eduff, 2012.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. 6ª ed. Tradução Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2009.

FRANK, Joseph. *Pelo prisma russo*. Tradução Paula Cox Rolim e Francisco Achcar. São Paulo: Edusp, 1992.

_____. *As sementes da revolta 1821 a 1849*. 2ª ed. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. *Os anos de provação 1850 a 1859*. 2ª ed. Tradução Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 2008.

MARX, Karl. *Trabalho assalariado e capital & Salário, preço e lucro*. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2010.

MORAES, Dênis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Boitempo, 2012.

NUNES, Benedito. *No tempo do nihilismo e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RAMOS, Graciliano. *Angústia: (75 anos) – Edição comemorativa*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

SEGRILLO, Angelo. *Os russos*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

SCHENAIIDERMAN, Boris. *Turbilhão e semente – Ensaio sobre Dostoiévski e Bakhtin*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.